



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO

RADMAKER NÓBREGA PEREIRA

PROPOSTA DE RETEXTUALIZAÇÃO: da escrita para escrita

(ARTIGO)

GUARABIRA/ PB
DEZEMBRO – 2010

RADMAKER NÓBREGA PEREIRA

**PROPOSTA DE RETEXTUALIZAÇÃO:
da escrita para escrita
(ARTIGO)**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Letras do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a obtenção do título de licenciado em Letras – Vernáculo.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Wanilda Lima Vidal de Lacerda

Orientadora:
Prof^a. Dr^a. Wanilda Lima Vidal de Lacerda

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

| | |
|-------|---|
| P436p | Pereira, Radmaker Nóbrega Proposta de retextualização: da escrita para escrita / Radmaker Nóbrega Pereira. – Guarabira: UEPB, 2010. 20f. Artigo Científico (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC) – Universidade Estadual da Paraíba. “Orientação Prof. Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda”. 1. Língua Oral 2. Língua Escrita 3. Retextualização I. Título. 22.ed. CDD 400 |
|-------|---|

RADMAKER NÓBREGA PEREIRA

PROPOSTA DE RETEXTUALIZAÇÃO: da escrita para escrita

BANCA EXAMINADORA

COMISSÃO EXAMINADORA

Wanilda Lima Vidal de Lacerda

Prof. Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda

(Orientadora) CPF: 025071614-34

Luana Anastácia Santos de Lima

Prof. Ms. Luana Anastácia Santos de Lima

(Examinadora) CPF: 060613834-01

Suênio Stevenson Tomáz da Silva

Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomáz da Silva

(Examinador) CPF: 034237469-00

Aprovada em 20 de dezembro de 2010.

Guarabira - PB

UMA PROPOSTA DE RETEXTUALIZAÇÃO: Da escrita para escrita

RESUMO

O presente trabalho resultou basicamente de uma pesquisa bibliográfica centrada em Marcuschi (2002), pois, ele é um dos estudiosos do assunto referido no tema acima, e, quem no Brasil, tentou dar uma sistematização aos processos direcionados à língua falada e escrita. Buscamos, também, outras fontes, estudiosos linguistas, citados nas referências e que tratam desse assunto de relevante importância por se tratar de comunicação entre indivíduos e que faz parte do dia-a-dia de cada um. A relação Língua Falada e Língua Escrita é assunto que vem sendo discutido cada vez mais assim como sua atuação no meio comunicativo entre indivíduos, ou até mesmo no monólogo. O tema nos permitiu apresentar inicialmente alguns conceitos sobre linguagem, língua, as partes que a compõem; explorar algumas idéias linguísticas do ponto de vista histórico, desde os primórdios da humanidade até alguns estudos iniciais de linguistas como Saussure, Fiorin, entre outros. Em seguida, com Marcuschi apresentamos questões por ele levantadas, para uma visão mais ampla, porém, segundo estudioso complexo: as variações textuais na passagem de uma modalidade da língua (Oral) para outra (Escrita). Segundo Marcuschi (2007), as transformações de um texto, em se tratando de gêneros textuais, não estão atreladas simplesmente ao código ou às regras que fazem parte dela, mas sim, ao contexto em que o texto se insere. Dentro das questões por ele levantadas, citamos alguns exemplos, retirados do nosso dia-a-dia, e através destes exemplos, mostramos as transformações que um texto sofre, ou pode sofrer, na passagem do oral para o escrito. Essas transformações recebem o nome de RETEXTUALIZAÇÃO, expressão empregada por Neusa Travaglia (em sua tese de doutorado sobre a tradução de uma língua para outra, 1993). O objetivo da presente pesquisa foi, portanto, mostrar as transformações existentes na passagem de um texto escrito para outro, também escrito, tendo como *corpus* textos de *Macunaíma* (1928) de Mário de Andrade, autor reconhecido na literatura brasileira. Um ponto, também, interessante nesta pesquisa, é a análise da linguagem e sua influência dentro do contexto da época em que foi escrito e a utilização, por exemplo, nesta obra, pelo autor.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Oral. Língua Escrita. Macunaíma. Retextualização.

INTRODUÇÃO

De acordo com Francisco da Silva Borba (1998) no seu livro, **Introdução aos Estudos Lingüísticos**, a linguagem existe desde os primórdios da humanidade como instrumento que serve para que os povos possam se relacionar, construir, desenvolver-se. Serve para passar de gerações a gerações informações dos acontecimentos existentes ao longo da história, passando por transformação, adaptação e reformas.

Remontam ao séc. IV os primeiros estudos sobre a linguagem. Inicialmente, razões religiosas levaram os hindus a estudar sua língua, entre os quais *Panini* (séc. IV) que juntamente com gramáticos hindus dedicaram-se mais tarde a descrever minuciosamente sua língua. Os gregos preocuparam-se, principalmente, em definir as relações entre o conceito e a palavra que o designa. Destacaram-se como estudiosos desta área, na Grécia, os filósofos Aristóteles, Platão e em Roma, Varrão (SAUSSURE. *Curso de Lingüística Geral*, 1969).

Na Idade Média, os *modistas* consideraram que a estrutura gramatical da língua é una e universal. Estes estudos foram direcionados a uma perspectiva *Normativa*, surgindo, assim, formulações de regras, ou seja, um suporte que servisse para normatizar a língua que as pessoas deveriam aprender, e, isso é o que se vem aplicando aos dias de hoje.

É no início do séc. XX, com a divulgação dos trabalhos de Ferdinand de Saussure, professor da Universidade de Genebra, que a investigação sobre a linguagem – *a Linguística* – passou a ser reconhecida como estudo científico

Há várias definições encontradas a respeito da linguagem. Muitos estudiosos, através do que se tinha por definido sobre linguagem, consideram-na como “uma capacidade inata e específica da espécie, isto é, transmitida geneticamente e própria da espécie humana” (FIORIN, 2002, p. 15). Em fonte de fácil acesso como os Dicionários da Língua Portuguesa, podemos encontrar o conceito de linguagem como sendo “o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e comunicação entre pessoas”. (Minidicionário Aurélio 2001)

A linguagem faz parte do nosso dia-a-dia, permeia a família, o trabalho, a escola, os grupos de amigos etc. O estudioso FIORIN no seu livro *Introdução à Lingüística* (pg. 50/2002), define: “... a linguagem é o veículo de comunicação social.”, e enfatiza este conceito dizendo que “sem linguagem não há comunicação”, entendendo, então, que a linguagem tem um valor funcional indispensável para que haja interação entre os indivíduos. É esta concepção de linguagem com intenção comunicativa, prática social que utilizamos como ponto de partida para as reflexões e sugestões que desenvolvemos neste trabalho. Para

tanto, primeiramente, procuramos mostrar a visão mais conservadora, que costuma apresentar a relação entre a língua escrita e a língua oral como dicotômicas em que o bom uso depende da adequação às normas gramaticais e, em seguida, tratamos essa relação como duas variações que dependem do contexto e da prática das realizações textuais. Ali elas se mesclam e se aproximam na prática diária, passando de um uso a outro. Em um pequeno texto da obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade, demonstraremos como isso pode ocorrer na prática, retextualizando-o. A preferência por este texto deve-se ao fato de que, sendo Mário de Andrade, autor inserido na primeira fase do Modernismo, muito usou a linguagem oral em seus textos. Quanto ao referencial teórico, fizemos uso, sobretudo de Marcuschi (2001), um dos autores que no Brasil iniciaram os estudos linguísticos nessa perspectiva.

1 LÍNGUA

Tendo em vista algumas ideias referidos ao que se entende de *Língua*, pois, é importante considerarmos inicialmente o que ela é e qual a sua ligação com a linguagem. Os conceitos nos ajudarão a entender, posteriormente, as relações entre fala e escrita.

Para Saussure (1969, p.17), língua “é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” Ao pesquisar o conceito de língua nas ruas, o que mais iremos ouvir é que língua é uma forma de comunicação entre indivíduos de um mesmo grupo de uma mesma nação. É claro que existem vários outros conceitos, e enfoques lingüísticos, mas vamos nos centrar na ideia de que a língua está sempre em processo de mudança.

Marcuschi (2007) com uma visão que se operou na década de 80 apresenta uma nova visão aos estudos linguísticos, *oralidade* e *letramento*, centrada não unicamente no código, ampliando, assim, suas diferenças, mas “[...] num conjunto de práticas sociais”, pois, “O que determina a variação em todas as suas manifestações são os usos que fazemos da língua”, ou seja, é através da função, do uso que se faz da língua, que entendemos tantas variações existentes num mesmo grupo. Aberta esta questão, vamos entender um pouco dos mecanismos, que segundo Marcuschi, compõem a *Língua Falada* e *Língua Escrita*, conhecendo um pouco mais de ambas a modalidades.

1.1 Língua Falada

O primeiro contato que surge, para uma melhor comunicação entre os indivíduos, é através da fala. Ela permite que os seres possam se relacionar de forma espontânea, realizando assim, transformações, desenvolvimento, progresso em suas vidas. É através da fala que o ser, quando nasce, inicia seu processo de interação com outros, como os primeiros contatos com a família, lembrando que o bebê, a princípio, se manifesta através de gestos, como ‘choro’, para indicar suas necessidades fisiológicas, e tratamos isso, como um instinto de sobrevivência, pois, a partir do momento, que ele passa a se expressar por meio da fala, um universo de possibilidades se abre para ele, o que lhe permite ultrapassar o seio familiar e se aproximar de outros grupos com novas formas de comportamento. “[...] o aprendizado e o uso da língua natural é a sua forma de inserção cultural e de socialização” (MARCUSCHI, 2007, p.18)

A fala, enquanto manifestação da Língua Oral é decorrente de combinações fisiológicas, transmitidas por via oral através do som. A língua falada pode ser caracterizada através de outros modos que podem correspondê-la. O estudioso Marcuschi atribui funções que fazem parte dela, como “[...] a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, etc”. (MARCUSCHI, 2007, p. 17). Porém, é bom lembrar que seu estudo é movido por uma visão geral num contexto mais amplo das relações sócio-comunicativas entre os indivíduos.

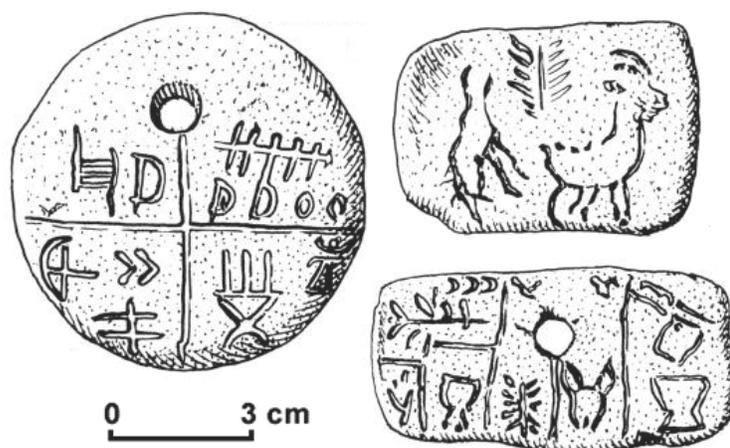
Estudos mostram uma distinção entre a fala e a escrita. Alguns defendem a superioridade da fala sobre escrita ou vice-versa. Marcuschi (2007) quebra esse pensamento ‘dicotômico’ e diz que há mais aproximação entre a língua falada e a língua escrita do que se pensava. Para Marcuschi (pg 17/2007), “[...] a oralidade e a escrita são práticas e usos da língua com características próprias”, assim, a fala sendo primária e a escrita secundária, não significa que há uma supremacia, porém, funções atribuídas a cada uma delas. A fala, enquanto produção textual é desordenada, caótica, e em contrapartida, passa a ser ordenada, pois, o indivíduo produz frases, que, apesar de suas hesitações, truncamentos, variação lexical etc elas seguem uma ordem cronológica coerente ao entendimento do seu interlocutor. Contudo, cabe lembrar que ainda existem povos em que o meio de comunicação mais importante é através do mecanismo oral, atribuindo a ela um valor incomparável ao da escrita. Isso se dá ainda hoje no Brasil, em que um grande número de pessoas faz uso apenas da língua oral nas relações interpessoais, nos textos informativos através da televisão, das rádios, nos carros de sons de propaganda etc. A fala nos permite uma comunicação mais espontânea, mais livre. Isso são funções atribuídas a ela, não se trata de uma supremacia sobre a escrita, mas de sua importância sócio comunicativa. É claro que, o estudo sobre a fala é mais amplo,

visto que, a língua está sempre num processo de mudança, e essa mudança ocorre de forma cronológica e segue às necessidades ou exigências da sociedade, que tal mudança ocorre em primeiro plano no contexto da oralidade, para em seguida, atingir o contexto da escrita.

1.2 Língua escrita

Partindo do contexto histórico, quanto ao surgimento da escrita, identificamos que esta remonta séculos de existência, levando em consideração vestígios de desenhos, que, segundo os arqueólogos, pertencem ao período da era pré-histórica. Isso nos indica o longo processo que sofreu a escrita para chegar ao que se encontra hoje. Estes desenhos, ou signos pictóricos, como são chamados, podem representar algum tipo de informação. O gráfico abaixo pode ser encontrado no site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_escrita, cuja autoria da página não está revelada:

Figura 1:



As Tábuas Tártaras, objeto de grande controvérsia entre os arqueólogos, representando uma forma inicial da escrita no mundo.

A escrita passou a ser utilizada em outros tipos de materiais, como o papiro, os pergaminhos até chegar ao papel, o qual se utiliza até hoje. Segundo Marcuschi, (2001, p. 23), citando as observações de Graff. (1995), comenta a cronologia da escrita, lembrando que é na Idade Média, com o surgimento da imprensa e as traduções bíblicas por Lutero, que começa um gradual avanço da escrita, porém, num processo ainda lento, pois, o contato com a escrita era privilégio de poucos. Assim nos diz Graff. (1995, p. 23): Para a maioria dos estudiosos, a

alfabetização, como fenômeno cultural de massa, pode ser quase ignorada nos primeiros 2000 anos de sua história ocidental, pois ficou restrita a uns poucos focos.

Segundo Borba (1998), apesar da distância no espaço e no tempo, a comunicação manifestada pela linguagem ocorre, e implica um objetivo fim de emissão e recepção da mensagem.

Hoje, através do avanço tecnológico, na era da informática, os textos são produzidos mais rápidos e com maior acesso às pessoas e produzidos em aparelhos modernos como computador, celular etc. e ainda, sob uma imensa variedade de formas, as quais se percebem, quando andamos pelos centros das capitais.

Através das ideias levantadas por Marcuschi (2007), vamos conhecer seu valor e sua utilização no contexto sócio-cultural. Segundo Marcuschi (2001, p.17) “[...] fala e escrita não são propriamente dois **dialetos**, mas sim duas modalidades de uso da língua...”, assim, ele tenta desmistificar estudos passados que dá uma supervalorização à língua oral ou à língua escrita, estabelecendo um valor específico destas modalidades atribuindo características próprias de cada uma delas. A língua escrita pode ser identificada, não só pela produção cognitiva, mas por outros meios de comunicação “[...] tamanho e tipo de letra, cores e formatos, elementos pictóricos, que operam como gestos, mímicas e prosódia graficamente representadas”. Assim, entendemos que a língua escrita possui várias representações que a podem caracterizar saindo do mito que se constituiria apenas pela representação do código.

Embora a maioria dos povos tenha uma tradição oral e a escrita tenha surgido posteriormente, a escrita, nos nossos dias, permeia quase todas as práticas sociais e pode representar status, poder, superioridade intelectual entre outras vantagens. Marchuschi destaca certos equívocos de algumas idéias, que abrem espaço para três classificações a respeito da interação entre escrita e sua língua. A primeira é chamada **letramento**. Para Marcuschi (2007), o letramento indica que o indivíduo carrega desde sua criação um conhecimento próprio, visto que, desenvolvida sua estrutura físico-mental, o ser, através do contato com sua família e outros indivíduos do mesmo grupo social, ‘letramento social’. Assim consegue identificar os objetos que estão em sua volta, porém, o indivíduo pode não conseguir codificar estes elementos numa folha de papel ou reconhecê-los através da leitura é como uma leitura áudio-visual, que não deve confundir com a “escolarização do letramento”. Outro ponto que o referido autor nos lembra chama-se **alfabetização**, ou seja, o indivíduo passa a ter certo domínio da leitura e da escrita, porém não significa ter domínio de sua língua e sim, segundo esse autor, tem a capacidade de saber ler e escrever, sendo que este conhecimento pode ser

adquirido formal ou informalmente, ou seja, através ou não de uma instituição escolar. A terceira, Marcuschi (2007) chama de **escolarização**, ou seja, um processo contínuo da alfabetização, um processo cuja formação vai além do saber ler e escrever envolve aprofundamento intelectual, ação cidadã, social, cultural e política. O indivíduo passa a enxergar o mundo em sua volta de uma forma mais analítica, crítica, assim, produzindo ideias que possam contribuir ao seu meio, ao seu grupo, com base concreta de pesquisa e raciocínio lógico.

Essas classificações esclarecem certos equívocos que encontramos, por exemplo, no meu grupo de amigos, cujo entendimento é o seguinte: se o indivíduo nunca passou por uma instituição escolar ele é taxado de ignorante, analfabeto. Assim, Marcuschi (2007) organiza e nos permite entender a que classificação este indivíduo pertence, e, melhor, sem um olhar desprezível, mas sim compreensível.

Língua Falada e Língua Escrita possuem características próprias com fins próprios, ambas fazem parte da Língua, é delas que se manifesta a comunicação, através da linguagem. Há muito que se desenvolver a respeito desse assunto, mas, o que expomos servirá para a compreensão do que pretendemos realizar com a retextualização proposta.

3 A LINGUAGEM NO MODERNISMO

De acordo com Nicola (Gramática & Literatura, 2002), o Modernismo iniciou no final do século XIX; é um período marcado por grandes transformações econômicas, políticas e sociais, e atingiu todas as classes do país. Nessas alterações, o Brasil recebeu forte influência das ideias que circulavam internacionalmente, as quais exigiam a ruptura da velha tradição e o surgimento de um novo padrão político e estético. Houve grandes avanços tecnológicos, graças ao surgimento da eletricidade.

Muitos foram os acontecimentos político-econômico-sociais que ocorreram nos fins do século XIX; porém, a efervescência artística parecia acompanhá-los com igual intensidade. Na busca de uma nova perspectiva, de uma nova identidade cultural, surgiram várias tendências nas artes, ou melhor, os vários “ismos” como o Futurismo, Cubismo, Dadaísmo, Expressionismo que ficaram conhecidas como **Vanguardas Européias**, nos anos de 1909 e 1924.

O Brasil sofreu influências dessas tendências, já que os escritores brasileiros quando vinham da Europa procuraram divulgá-las no país. A Semana de Arte Moderna, marco

significativo do Modernismo brasileiro foi realizada em 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, organizada por um grupo de jovens artistas e intelectuais, leitores das obras de Lima Barreto e Euclides da Cunha (escritores pré-modernista), com apoio de algumas figuras de intelectuais reconhecidas.

Com a Semana de Arte Moderna, e o espírito modernista, rompe-se as fronteiras existentes da escola anterior, que buscava o subjetivismo, a essência humana e parte-se para as questões sociais, política e econômica do país, o que implicaria em transformação de uma linguagem subjetiva para uma linguagem impessoal, objetiva e crítica.

O período de 1922 a 1930, primeira fase do movimento modernista é o período mais radical, justamente em consequência da necessidade de definições e do rompimento com todas as estruturas do passado. Daí o seu caráter anárquico.

Autores como Mário de Andrade manifestam um espírito nacionalista buscando fontes das origens quinhentistas e uma “linguagem brasileira” mais próxima do falar do povo, usando palavras como “quasi” e “guspe” em vez de “quase” e “cuspe”, usando, uma linguagem oral em textos escritos. Este autor busca, ainda, o folclore em suas obras, como em *Clã do Jabuti*, aproveitando assim para criticar a burguesia e a aristocracia da época.

Dentre suas obras, destacamos *Macunaíma*, obra que traz uma mistura da cultura indígena com os avanços tecnológicos na vida urbana. É uma transposição da vida antiga com a atual, de como viviam nossos ancestrais para o modo de vida de hoje, em seus comportamentos sociais, familiar, político etc. É a figura do índio nascido preto e que virou branco, a questão do índio europeizado, as influências que sofreram, principalmente, com a vinda da família real ao Brasil.

Realizamos um trabalho de retextualização, no qual ficam evidenciados os processos que a linguagem sofrem com os novos conceitos levantados a seu respeito, o processo de transformação ao longo do tempo, as influências históricas, sociais, políticas, econômicas e culturais que podem motivar uma reestruturação comunicativa entre os indivíduos pertencentes ao mesmo grupo social.

4 PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO

Seguindo uma estrutura normativa, utilizamos um dos métodos de retextualização que Marcuschi não chegou a exemplificar (ele só o fez da fala para escrita), mas que indicou a sua utilidade, ou seja, um processo de escrita para escrita, enfocando a mudança da estrutura textual em que predomina a língua oral, porém, mantendo a ideia, o sentido, a mensagem que o autor pôs no texto.

As influências podem ocorrer num processo comunicativo entre dois indivíduos, levando em consideração os fatores, temporal, histórico, cultural, sócio-político entre outros, que, cada indivíduo sofre nesse processo. Os conceitos sobre Linguagem, Língua e as partes que a dividem, nos ajudarão a compreender, também, o desenvolvimento do processo, gradual e contínuo que vem acontecendo nos estudos a esse respeito, pois, cada vez mais, se tomam, no campo discursivo, novas ideias a respeito do processo de comunicação. Nesse caso, por exemplo, consideramos, os estudos levantados sobre **língua falada e escrita**, as diferenças e/ou semelhanças entre elas, os equívocos levantados no passado e que hoje foram desmistificados.

No livro de Marcuschi (pg 46/2007) o processo de Retextualização é uma expressão empregada por Neusa Travaglia (em sua tese de doutorado sobre a tradução de uma língua para outra, 1993) que serve de “modelo para analisar o grau de consciência dos usuários da língua a respeito das diferenças entre fala e escrita observando a própria atividade de construção” (MARCUSCHI, 2007, p. 46).

Para que haja o processo de retextualização é necessário levantarmos parâmetros que venham distingui-la para que entendamos sua utilidade e desenvolvimento. Um dos pontos importantes que nos ajuda a compreender melhor sua formação, e que a partir daqui daremos maior ênfase, são os estudos levantados a respeito da Língua Falada e da Língua Escrita, visto que, segundo Marcuschi (2007, p.46):

tanto a fala como a escrita não operam nem se constitui numa única dimensão expressiva, mas, são multissistêmicas (por exemplo, a fala serve-se da gestualidade, mímica, prosódia etc.; e a escrita serve-se da cor, tamanho, forma das letras e dos símbolos, como também de elementos logográficos, icônicos...).

Isto serve para desmitificar estudos anteriores que tratavam o texto falado e escrito como dicotômico e estanque, ou seja, cada uma possuía propriedades isoladas. Porém, para Marcuschi (p. 45/2007), “as semelhanças são maiores do que as diferenças.” É bom

entendermos que esses fatores na língua falada e escrita ocorrem no nosso dia-a-dia, porém, fogem a nossa percepção.

Ocorre um **processo de transformação** quando um indivíduo presencia um acidente, por exemplo, e ao chegar a sua residência, relata o ocorrido, de acordo com o que ele conseguiu captar, e, da melhor forma que fosse suficiente para que o outro indivíduo, no caso sua mulher, recebesse a mensagem. Se, a mulher desse indivíduo, que presenciou o acidente, resolver passar a mensagem adiante, o texto sofrerá outra transformação, pois, a mensagem será passada conforme o entendimento da mesma, podendo sofrer alteração, até mesmo, no sentido do fato propriamente ocorrido.

Antes de partimos para o processo prático de retextualização é relevante frisar um ponto de suma importância para que se ocorra nessa atividade, a **compreensão**, pois, como afirma Marcuschi (p. 47/2007) “[...] para dizer de outro modo, em outra modalidade ou em outro gênero o que foi dito ou escrito por alguém, devo inevitavelmente **compreender** o que foi que esse alguém disse ou quis dizer”, ou seja, antes de ocorrer o processo de transformação textual, na passagem de uma modalidade da língua (oral) para a outra (escrita), ocorre a atividade de compreensão, captada pela mente. Ao desenvolvermos o trabalho de retextualização, o texto sofrerá interferências mais acentuadas, mas, não sofrerá problemas no plano da coerência, segundo Marcuschi no seu livro (Retextualização) “o fato de escrevermos alguma coisa não pode alterar nossa representação mental dessa mesma coisa”.

Outra atividade que vale a pena salientar é o que diz respeito à distinção entre a retextualização e transcrição. Para Marcuschi (2007, p.49) “transcrever a fala é passar um texto em sua realização sonora para a forma gráfica numa série de procedimentos convencionalizados.” É uma das possibilidades de retextualização.

Marcuschi (2007) expõem um comentário da lingüista francesa Rey-Debove que chama atenção para distinção oral-escrito no francês, estabeleceu quatro parâmetros de análise: forma e substância; conteúdo e expressão. Através desses parâmetros a autora chegou a quatro níveis de relação: (1) da substância da expressão que considera a correspondência entre a letra e o som; podendo tratar de questões idioletais e dialetais; (2) da forma da expressão que trata da distinção entre a grafia usual e a pronúncia; (3) da forma do conteúdo que trata das relações entre as unidades significantes como, expressões, itens lexicais ou sintagmas, e, as unidades da escrita como sinônimo do plano da própria língua tal como dicionarizada; (4) da substância do conteúdo que trata do uso situacional e contextual específico. Dessa forma, podemos entender que o **processo de transcrição ou**

transcodificação vai tratar da passagem de um código para o outro; isso, levando-se em consideração, a sua materialidade lingüística. Quando se transcreve um texto falado para um texto escrito, apenas, transpomos palavras pronunciadas para a formação escrita, interferindo em apenas uns reajustes de adequação à norma padrão desta língua.

Para Marcuschi retextualização pode ser entendido com *adaptação*. Essa adaptação pode ocorrer sobre vários fatores, dentre os quais, alguns foram citados acima. O que se entende, segundo os estudos de Marcuschi, é que as modificações que um texto venha sofrer para que se haja a retextualização são bem acentuadas, podendo atingir, a *forma e a substância do conteúdo* (níveis atribuídos por Rey-Debove no tratamento da relação oral-escrita). Apesar deste assunto parecer complexo e extenso, uma coisa interessante que pode parecer contraditório, visto a sua complexidade, é o fato de que essa atividade faz parte do nosso dia-a-dia, lidamos com ela no nosso cotidiano. Citando um exemplo, quando alguém ouve pelo jornal da TV, a notícia sobre o salário dos aposentados, que possivelmente pode haver um reajuste bem considerável, como existe um parente (tipo um avô) que recebe aposentadoria, e é do interesse desse parente, logo, entra em contato com esse parente, passa-se essa notícia muitas vezes como se o reajuste já estivesse vigorando. Claro que entre a forma e o texto, que o indivíduo ouviu do jornal e o transmitiu, ocorreram várias modificações.

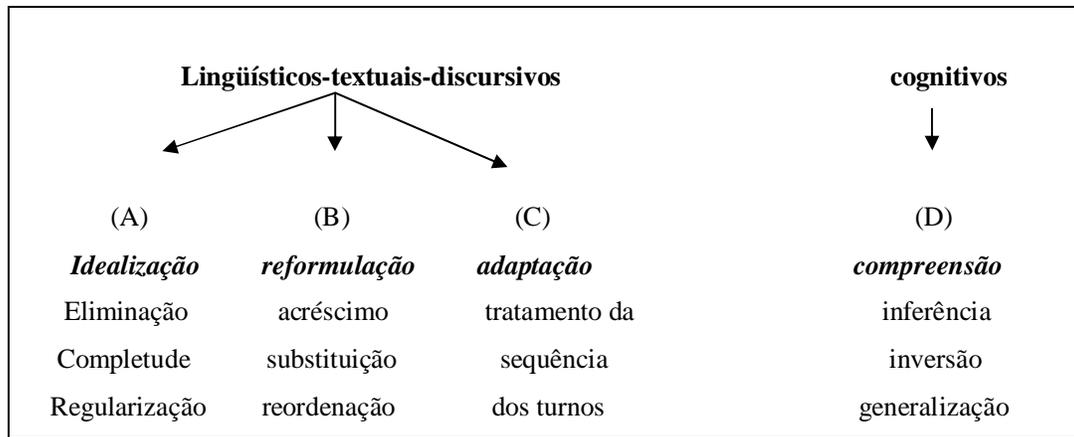
Marcuschi abre quatro variáveis relevantes ao estudo da retextualização, são elas: (1) **O objetivo da retextualização**, neste caso, pode-se alterar o nível da linguagem do texto, dependendo da finalidade da transformação; (2) **A relação entre o produtor do texto original e o transformador**, que, dependendo se o texto for redigido pelo o autor original ou por outro, no texto pode haver alterações maiores (pela pessoa que produziu o texto) e menores (por quem não produziu o texto) quanto ao conteúdo e a forma; (3) **A relação tipológica entre o gênero textual original e o gênero da retextualização**, que, no caso de ser do mesmo gênero (exemplo, uma *Narrativa* oral para escrita) ou não, pode haver alterações menos drásticas (quando se trata do mesmo gênero) mais drásticas (quando são de gêneros diferentes; (4) **Os processos de formulação típicos de cada modalidade**, que dizem respeito à neutralização, ou seja, ao desaparecimento dos vestígios da correção, pela metalinguagem (cf. Rey-Debove, 1996:83). As estratégias de produção textual vinculadas a cada modalidade, correções do texto, são mais acentuadas no texto escrito que no texto oral.

Como acabamos de observar, o processo de retextualização envolve vários fatores, várias estratégias que partem de algumas variáveis iniciais, como uma primeira etapa, com

algumas eliminações e introduções de alguns elementos linguísticos e cognitivos, com uma primeira moldagem às regras normativas, até alcançar níveis que venham atingir sua estrutura substancial e forma do conteúdo pela “[...] via da mudança na qualidade da expressão” (MARCUSCHI, 2007, p.55).

No quadro a seguir ele apresenta os aspectos envolvidos nos processos de retextualização como sugestão de distribuição dos fenômenos a serem analisados.

Figura 2:



(Marcuschi, *Da fala para a escrita*, pg. 69/2007)

Contudo, Marcuschi (2007) reconhece que “É difícil precisar quais os limites entre os aspectos linguístico-textuais-discursivos e os cognitivos, mas tudo indica que se trata muito mais de uma gradação do que uma separação”, ou seja, o texto retextualizado passa por etapas: de um processo inicial mais brando, que aqui podemos entender como um processo de transcrição, ou transcodificação, trabalhando, assim, com elementos lexicais, morfossintáticos etc. Neste caso, referimo-nos aos conjuntos **A** e **B** que trata de forma mais acentuada no que diz respeito ao código, porém, ainda não intensamente no discurso. O conjunto **C** comporta *operações de citação* e pode-se usar um recurso metalinguístico no tratamento dos turnos, como exemplo, a fala. Para Marcuschi (2007), o elemento **D** é um tanto complexo, porém menos trabalhado, visto que, deverá ter um entendimento do texto original, ou seja, é um elemento, como já visto anteriormente, que ajudará a evitar equívocos quanto à produção de um novo texto que se pretende realizar. Estamos falando da *compreensão*, que, só se houver diálogo entre dois indivíduos, se primeiro não passar por esse elemento. É bom ressaltar que

os estudos e as análises acima apresentados partem do processo de retextualização do oral para o escrito, que, faz parte de uma das possibilidades de retextualização. Porém, isso não quer dizer que os métodos também possam ser usados nas outras, possibilidades (fala para fala; escrita para fala; escrita para escrita). Esta observação é relevante visto que o texto com que pretendemos trabalhar o processo de retextualização passará pelo método de um texto escrito para o outro.

Marcuschi (2007, p. 73) desenvolveu nove operações que podem servir como fonte de investigação sobre o processo de transformação textual, por ele agrupadas em dois grandes conjuntos:

I – operações que seguem **regras de regularização e idealização** (abrangem as operações 1-4) e se fundam nas estratégias de eliminação e inserção. “Ainda não se introduz, nesses casos, uma transformação propriamente...”;

II – operações que seguem **regras de transformação** [abrangem as operações 5-9 e as operações especiais (tratamento dos turnos, compreensão) e se fundam em estratégias de substituição, seleção, acréscimo, reordenação e condensação. São propriedades que caracterizam o processo de retextualização e envolvem mudanças mais acentuadas no texto-base.

Essas operações nos estimularão e nos permitirão a ter uma visão mais analítica e mais acentuada do conteúdo e nos ajudarão a compreender o processo de retextualização no exemplo que veremos a seguir e que tomamos como ilustração.

Trata-se de um trabalho realizado por uma estudante do **Curso de Especialização Língua, Linguagem e Ensino** da FIP - Faculdades Integradas de Patos, 2006, realizado sob a orientação da Prof^a Dra. Sônia Cândido cuja proposta apresentada partiu de um texto escrito para outro: um folder de propaganda, cujas alterações mais significantes no processo de transformação para outro texto, foram o tratamento da pontuação, visto que a mesma fez uma apresentação quanto às definições e usos de alguns elementos de pontuação, como por exemplo, a vírgula, o ponto, o ponto e vírgula etc. O trabalho foi realizado da seguinte forma:

Texto 1: O folder estava escrito da seguinte forma (ressalvando ausência das imagens e personalização do texto original):

FIP

Faculdades Integradas de Patos

Cursos de Especialização

- Psicologia
 - Educação Física Escolar
 - Língua, Linguagem e Ensino
 - Educação de Jovens e Adultos
 - Educação Matemática
 - Supervisão Escolar

Usando o método da correção gramatical, mais especificadamente quanto ao uso corretos de pontuação, o texto ficou assim:

Cursos de especialização:

- Psicologia;
- Educação Física Escolar;
- Língua, Linguagem e Ensino;
- Educação de Jovens e Adultos;
- Educação Matemática;
- Supervisão Escolar.

O trabalho, assim realizado pela estudante, demonstrou um processo de retextualização bem simples, porém, a mesma observou que através dos usos de pontuação, de maneira errada, como por exemplo, a vírgula (sinal de pontuação que indica pequena pausa na

leitura e que equivale a uma pequena ou grande mudança na entonação), pode mudar o sentido do que se pretendia dizer, pode haver mudança tanto na forma ou substância do conteúdo, quanto na forma ou substância da expressão. É bom lembrar que Marcuschi (p.74/2007) comenta que as operações desenvolvidas no processo de transformação de um texto para outro não têm obrigação de seguir a sequência colocada pelo mesmo, nem a utilização de todos os elementos dessa operação, tendo em vista os reparos a serem realizados.

Antes de partir diretamente para a obra de Mário de Andrade é interessante destacar, senão retomar, um pouco do que se foi comentado anteriormente, neste estudo, a respeito dos textos no período modernista e a linguagem utilizada pelos autores desta época. Isso nos permitirá meditar a interessante expressão linguística que este autor utiliza na sua obra.

Em se tratando de um processo de transformação político, econômico, cultural e social, a linguagem que antes fazia parte de um determinado grupo, ou seja, do povo da época, passa a ser uma nova forma de expressão. Se anteriormente se falava em espírito, amor, morte etc. agora passa a se falar sobre científico, realidade, nacionalidade. De acordo com as “*tendências*” literárias da época, os autores escreviam suas obras com textos que viessem cair no entendimento do público alvo, porém, com um interesse, *subtendido no texto*, de protestar contra as mazelas que estavam inseridas, tanto nos líderes políticos, quanto na aceitação de vida conformada do povo. Isso, e também o interesse de trazer uma identidade para o povo, uma originalidade e não uma cópia cultural vinda de outros povos.

Assim, Mário de Andrade buscou uma figura que mais representava o povo brasileiro, neste caso o índio, porém, com atitudes européias, uma forma de fazermos entender essa mistura desnecessária. Ao lermos o trecho de um capítulo de *Macunaíma*, que serve de suporte para a realização do trabalho de retextualização do escrito para o escrito, percebe-se, no que diz respeito ao conteúdo linguístico do texto, que o autor utilizou uma linguagem coloquial, e mais, uma linguagem recheada de termos indígenas, sua fala e seus costumes. O que será tomado em pauta é a utilização desse pequeno trecho, trazendo-o para uma linguagem culta, com conceitos de algumas palavras de pouco uso no dia-a-dia, e, se possível, adaptando-o à possível ideia do que pretendia expressar o personagem, ou, o autor.

A ação gramatical para o processo de transformação textual de MACUNAÍMA (1928), de Mário de Andrade partirá do léxico de um parágrafo de um dos capítulos desta obra. Antes, para entendermos um pouco a que se destina a análise lexical, daremos algumas explicações.

Lexical:

Elemento de composição. 1.= ‘que concerne (ou seja, referente) às palavras’; ‘léxico’: *lexicografia, lexicologia*. (Minidicionário Aurélio 2001)

Com essa definição, e trazendo um pouco para as questões dialetais, percebemos que uma palavra pode representar vários sentidos, dependendo da região ou grupo social a que pertence. Também, se colocada de uma forma diferente numa frase pode mudar o sentido do que se pretendia dizer. Vamos ver um exemplo a seguir:

Ex. 1

“Pedro avisa a **rapariga** de sua irmã que venha almoçar!”

Ex. 2

“Maria, **coloca pra correr** essa **manada de selvagens** da frente da casa!”

Analisando o ex. 1 identificando a palavra destacada “rapariga”, podemos colocá-la em dois contextos: (1) Podemos interpretar que a mãe de Pedro é portuguesa, que mora há algum tempo no Brasil, porém, se utiliza de certas expressões de seu povo, como é o caso de “rapariga” que significa “moça.”; (2) No Brasil, alguns grupos e em algumas regiões (exemplo na Paraíba) só conhecem essa expressão com o significado de “prostituta”.

No exemplo 2 as expressões “... “coloca pra correr...” e “... “manada de selvagens...”, dependendo do contexto, pode ser interpretado da seguinte forma: A família de Maria mora em uma fazenda, e, naquele exato momento, vinham passando alguns bois destruindo as flores em frente da casa, ou, pode, partir para um grupo de amigos de Maria que não agrada sua mãe e a mesma tratava os amigos de Maria dessa forma, como animais

Dependendo do contexto, da realidade, o receptor pode receber um texto (neste caso oral) e transmiti-lo conforme seu entendimento e utilizá-lo conforme achar adequado; ou seja, Maria, para não constranger seus amigos usará outro texto, mais brando, agradável para pedir que os mesmos irem embora.

Agora, partimos para o processo de retextualização da obra de Mário de Andrade, cuja proposta aqui será a transformação do segundo parágrafo do primeiro capítulo de *Macunaíma* e passá-lo para um noticiário de jornal; uma proposta de um texto escrito para outro

TEXTO 1 (Original)

“Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mais si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo tomando banho dando mergulho, e as mulheres soltavam gritos gozados por causa dos guaiamuns diz-que habitando a água-doce por lá...” (ANDRADE, 2008, Cap. I, p.13)

Neste parágrafo não só notamos expressões que fazem parte da linguagem indígena (maloca, jirau, paxiúba) como também certas contradições, que fogem a esta realidade, quando no momento em que fala da aquisição de dinheiro (“[...] si *punha os olhos em dinheiro...*”), pois, os índios, tradicionalmente, sobrevivem da caça e pesca etc. Outro ponto a frisar diz respeito à transcrição, como, por exemplo, as conjunções “si”, “mais” que estão escritas na forma como são pronunciadas, bem como “*dandava*” forma imitativa da linguagem infantil, o mesmo que andava. “*Vintém*”, expressão arcaica, forma genérica de se dizer pouquíssimo dinheiro.

Retextulizando este parágrafo como uma notícia de jornal, ou seja, em uma proposta de transformação de um gênero para outro, levando em consideração os significados das palavras e os ajustes gramaticais, pode ficar desta forma.

Texto II

Última notícia

Foi encontrado, no canto de uma aldeia indígena, pendurado em uma palmeira, o anti-herói conhecido por Macunaíma, que se encontrava observando trabalhadores, talvez, com o intuito de cometer algum roubo, inclusive, seus dois irmãos, que estavam presentes no ambiente de trabalho, são suspeitos. Macunaíma é acusado de decepar cabeças de saúvas, que talvez, seja algum grupo de adolescentes rivais. Ele não podia ver alguém com dinheiro que o perseguia para apanhá-lo. Macunaíma é também acusado de assediar mulheres, quando as mesmas tomam banho no rio, beliscando-as

nas partes íntimas, mas as mesmas, até então enganadas, pensavam que eram guaiamuns, espécie bastante comum naquelas águas. O acusado foi encaminhado para o presídio regional para responder pelos crimes cometidos.

No **texto I** recortamos um parágrafo do livro Macunaíma de Mário de Andrade, e, de acordo, com a imagem de um índio anti-herói, cujas ações revelam um ser ruim, que espanca mulheres, trai o irmão etc. Retextualizado-o, no **texto II**, para uma realidade mais atual, esse anti-herói é concebido como um criminoso, tendo em vista que a forma como o redator leu o livro e o transmitiu para as outras pessoas através de um noticiário.

É como acontece, às vezes, no nosso dia-a-dia, ouvimos uma pessoa contando um crime ocorrido na cidade, que encontraram um suspeito, e que esse suspeito apenas está servindo para demonstrar o trabalho da polícia, mas nada há de concreto que ligue esse suspeito ao crime. Porém, as pessoas já começam a considerar o suspeito como o verdadeiro criminoso. Trata-se, portanto, de um processo de retextualização baseado no aspecto cognitivo, constatando-se que houve uma inversão no entendimento dos fatos. Em exemplos dessa natureza em que não há mudança de turnos, diálogo, é mais fácil disto acontecer.

Como Marcuschi (2007) comentou em seus estudos, o trabalho de retextualização pode ser realizado de várias formas, sobre vários aspectos, pois as operações por ele apresentados, servem como fonte de análise e pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso interesse é simplesmente entender que esses estudos levaram a concretização de trabalhos elaborados e bem interessantes, dentre eles, as definições a respeito do conceito de linguagem levantados por alguns estudiosos lingüistas, o processo sistemático colocado por Marcuchi nas modalidades da língua, as transformações, e, o que poderia ser chamado de transformação e retextualização, a linguagem e sua utilização por escritores literários, as relações entre o oral e o escrito numa perspectiva contextualizada, ao modelo das operações de retextualização feito por Marcuschi, em que o mesmo alerta, que é perigoso construir um modelo que possa ser tomado como uma fórmula mágica. Este tema ainda está em processo de estudos, e pode se modificar com o passar dos tempos, está, portanto, aberto a novas descobertas e reformulações.

O presente projeto propôs um processo de retextualização da escrita para a escrita, servindo para compararmos as transformações que se pode realizar através da retextualização, sendo de forma leve, essa transformação, como a mais radical. O texto, retirado do livro de Macunaíma de Mário de Andrade transparece uma realidade da época cuja necessidade de que se haja uma comunicação que se identifique mais com seu povo, com seu país, ou seja, retrata uma nova forma de pensamento, de comunicação, um texto novo que se fará dentre os indivíduos dessa nação. Ao lermos um pequeno trecho retirado de Macunaíma (pg 03) já percebe-se uma linguagem oral e regionalizada. Mário de Andrade usou termos de origem indígena, de difícil entendimento, porém, comum entre os índios. O interessante foi transformar essa linguagem, esse gênero, em uma proposta bem diferenciada, com mudança no gênero e no conteúdo, A proposta foi retextualizar um texto literário em uma notícia. É que se saiba que essa transformação trata-se de uma transformação leve, assim podendo, se preferir, alcançar maiores mudanças.

Entendemos que o processo de retextualização é complexo, apesar de fazer parte do nosso dia-a-dia, que se insere no contexto, ou seja, depende do que ocorreu ou do que se compreendeu do texto oral ou escrito. Marcuschi deixa claro que não existe uma regra geral a ser seguida no processo de retextualização, porém, lança o desafio aos estudiosos que pretendem se aprofundar mais sobre o assunto, que, novas descobertas poderão ainda ser acrescentadas a este respeito.

REFERÊNCIAS

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita: atividades de retestualização** – 8.ed. – São Paulo: Cortez, 2007;

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**. São Paulo: Agir, 2008;

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos Estudos Lingüísticos**. 12. ed . São Paulo: 1998;

FIORIN, J.L. (org.) **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2002;

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI** Escolar. 4. ed. rev. Ampliada – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001;

GRAFF, Harvey J. **Os labirintos da alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995;

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Nacional, 1969;

TERRA, Ernani; NICOLA, José de. **Gramática & Literatura**. São Paulo: Scipione, 2002, - (Coleção Novos Tempos);

DISPONÍVEL EM:

http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_escrita (**História da Escrita** Wikipédia, a enciclopédia livre.)

REY-DEBOVE, Josette. 1996. Á procura da distinção oral/escrito. In: CATACH, Nina. (org.). Op. cit. São Paulo, Ática, PP. 75-90.